

## O MITO DO ORIENTE ANTIGO – O MITO BÍBLICO

Ruth Leftel

Um mito é uma estória sobre o universo, que é considerada sagrada. Os gregos denominavam *mitos* as estórias sobre os feitos dos deuses na antigüidade. (gr. *mythos*: “a coisa falada”, “palavra”, “narrativa”). Estórias assim são encontradas, não apenas na literatura grega antiga, mas também na literatura de outros povos da antigüidade, como os do Oriente Antigo e também na tradição de povos primitivos da nossa época. Podemos, então, dizer que os mitos são um fenômeno humano geral.

Estas estórias formam a base sacra da continuidade de instituições, costumes e cultos antigos e da sobrevivência de crenças antigas, ou da aprovação e ratificação de modificações nas mesmas. Tais estórias lidam com um número de temas reduzido, como: a origem dos deuses (ou seu nascimento), seus amores e acasalamentos, suas guerras, seus atos de heroísmo e suas criações<sup>1</sup>

Os mitos podem ser classificados, de acordo com o tema narrado, como: *cosmogônico*, quando relata como foi criado o mundo; *teogônico*, quando narra a origem de alguma divindade; *antropogônico*, quando relata a origem do homem e *escatológico*, quando conta sobre o fim do mundo, ou ainda mitos sobre o paraíso, sobre o dilúvio, sobre heróis etc... Os feitos dos deuses narrados nos mitos são, via de regra, semelhantes aos feitos dos homens.

As aventuras dos deuses e os outros assuntos relatados nos mitos, ocorrem sempre na “antigüidade”<sup>2</sup>, num passado remoto e obscuro; época

---

1 O mito é geralmente recitado, durante uma representação dramática do evento que ele narra. Ex: “Enuma Eliš”, o mito acádio da criação do mundo, era recitado no festival babilônico do Ano Novo, quando tinham que agradecer ao seu deus principal Marduk, recordando como este criou o universo e o homem. Por intermédio do ritual, o homem torna-se contemporâneo do evento mítico e participa dos atos de criação dos deuses.

2 Na antigüidade dos que narram o mito. Esta está confusa e mais ainda o que ocorre antes de adorarem o deus principal da época do relato do mito. Ex: os mitos do Oriente Antigo contam que em épocas antigas, antes de dominar o deus que domina em seus dias, havia duas ou três gerações de deuses antigos que dominavam uns após outros. Não há explicação de quantos estes eram, quando dominaram e como eram. Justamente estas estórias que tratam do tema principal dos mitos (a descoberta da origem dos deuses), são características dos mitos e estão nas bases de religiões e culturas.

na qual o mundo foi tomando a forma atual. Em outras palavras, o mito narra sobre a origem das coisas que preenchem o espaço do mundo.

Os deuses estão envoltos numa bruma de medo e afastados da vida diária do homem que acredita em sua existência. Por intermédio de sua estória concreta, o narrador do mito penetra pela bruma de medo e revela um pouco da “verdade”; isto é, expressa sua fé sua visão e a da sociedade, no meio da qual vive.<sup>3</sup>

Podéramos dizer que o mito está no lugar da teologia e da ciência racional atual. Não tem, é claro, a precisão destas, mas é “superior” em relação a elas, em sua força de criar símbolos que podem ser compreendidos de várias formas.

Os estudiosos do Velho Testamento começaram a usar o termo *mito* no final do século XVIII, quando surgiram dúvidas quanto à veracidade literal de algumas das estórias da Bíblia e principalmente, na época, quanto à questão da estória da criação do mundo e da estória do paraíso. Os pesquisadores de então alegaram que as estórias da Bíblia, expressam uma verdade filosófica que vestiu roupagens míticas (como a estória do paraíso), ou são estórias baseadas num núcleo de verdade histórica, envolto em roupagens míticas (como as estórias sobre os patriarcas).

O mito é, na opinião dos pesquisadores do final do século XVIII, a maneira de pensar da humanidade na época de sua “infância” e as narrativas bíblicas utilizam-se dessa forma de expressão, por não ter o narrador bíblico meios de expressar a verdade de outra forma.

A pesquisa bíblica da metade do século XIX em diante não estuda mais a questão da veracidade literal dessas estórias bíblicas e a discussão sobre o mito dá-se em outras linhas:

a) corrente que opina que não existe mito na Bíblia. No seu modo de ver, não há como separar mito de politeísmo (a divinização das forças da natureza e a crença de que o homem pode “forçar” a vontade divina), pois

---

3 Os pesquisadores modernos acreditam que nenhuma destas estórias pode ser o produto da memória humana, nem (em nenhum sentido moderno da palavra) relatos científicos sobre a origem e a constituição do mundo físico. O homem do Oriente Antigo no segundo milênio a.C (quando boa parte dos mitos é elaborada), apesar de seus indubitáveis dons intelectuais e espirituais, não fundamentava seus pontos de vista sobre o universo e suas leis, no uso crítico de informações empíricas. Ele ainda não havia descoberto os princípios e os métodos da pesquisa disciplinada, da observação crítica ou da experimentação analítica. “Seu pensamento provavelmente era imaginativo e a expressão de suas idéias era concreta, pictórica, emocional e poética”. Em Sarna, Nahum: understanding gêneseis. *The Heritage of Biblical Israel*; 1966; First Schocken paperback edition; U.S.A; pág.3.

o politeísmo é do pensamento mítico que é completamente diferente do pensamento bíblico. Por isso, acreditam que, se temos, no Velho Testamento, semelhanças ou resquícios de estórias, cuja origem provém do mito, elas não têm mais nenhum significado mítico, pois a Bíblia anulou este significado, quando aboliu o pensamento mítico.<sup>4</sup>

b) esta escola alega que se o mito é um pensamento simbólico, pode-se concluir que a contradição entre o politeísmo e o monoteísmo não atinge o fenômeno do mito em si e grande parte da Bíblia pode ser denominada *mito*.<sup>5</sup> Esta escola opina que, certamente, não há muita semelhança entre o modo de pensar dos homens do período bíblico e o modo de pensar da ciência moderna.

Para distinguir entre o mito politeísta e o mito bíblico, denominam o mito bíblico de “mito da história” ou “mito monoteísta”, ou seja, acreditam que na Bíblia encontramos, pela primeira vez, o mito ligado a uma crença que não se fundamenta mais nas estórias dos feitos dos deuses e sim na compreensão de Deus, a partir da Sua revelação e ações na história e na natureza<sup>6</sup>.

Os relatos bíblicos que têm os mais surpreendentes paralelos com os mitos do Oriente antigo são os da criação do mundo e do dilúvio. Antes de traçarmos estes paralelos, devemos levar em consideração (quanto ao relato da criação) a ordem da criação nos capítulos 1 e 2 de Gênesis que são aparentemente semelhantes, mas provêm de regiões e períodos diferentes, como veremos adiante.

Em gênesis 1 e 2:3, quando Deus vai criar o céu e a terra, não há nada além do caos e do vazio. A face do abismo, sobre a qual pairava seu espírito, estava envolta em escuridão. Por isso, no primeiro dia da criação, Deus ordenou: “haja luz” e houve luz. No segundo dia, fez o firmamento, para separar entre as águas de cima (do firmamento) e as águas de baixo e o chamou de céu<sup>7</sup>. No terceiro dia, juntou num mesmo lugar as águas de baixo e possibilitou o aparecimento da terra e depois de denominar a parte seca de *terra*<sup>8</sup> e a reunião das águas de *mar*, ordenou à terra para fazer brotar ervas e árvores. No quarto dia, criou o sol, a lua e as estrelas. No

---

4 Representantes desta corrente são Y.Koifmann e H.Frankfort.

5 O principal representante desta corrente é Martin Buber.

6 O Deus bíblico não tem mito, isto é, não há estórias sobre eventos de Sua vida.

7 Em todo o Oriente Antigo, acreditava-se que havia uma abóbada celeste que “segurava” as águas de cima, para não inundarem a terra.

8 Em Hebraico: Yabaša = continente, provem do radical ybš=seco.

quinto dia, criou os animais da água, os peixes e as aves. No sexto dia, criou os animais da terra, os répteis e o homem e no sétimo dia, satisfeito com sua obra, parou e descansou.

Já segundo Gênesis 2:4 - 23, após criar o céu e a terra, Deus fez com que um **vapor** umedecesse a terra seca, para que pudessem brotar ervas e pastos; Em seguida, plantou um jardim em Éden e ali colocou um homem chamado Adão e fez crescer do solo, árvores; depois criou todos os animais, as aves e os répteis e por fim, a mulher.

Durante muitos séculos, teólogos judeus e cristãos acreditaram que estes relatos sobre a origem do mundo em Gênesis não somente foram inspirados por Deus, mas também que nada tinham de outras escrituras <sup>9</sup>. Esta opinião foi abandonada por todos, menos pelos fundamentalistas.

Desde 1876 foram descobertas em escavações e publicadas algumas versões da **epopéia acádica** (dos assírios e dos Babilônios) da criação. Hoje supõe-se que a mais longa delas, denominada “Enuma EliŠ” <sup>10</sup>, foi composta na primeira metade do segundo milênio a.C. <sup>11</sup>.

Esta epopéia sobreviveu quase intacta em sete tabuinhas cuneiformes que contêm 156 linhas aproximadamente, por tabuinha. Ela começa relatando <sup>12</sup> que “quando nas alturas, antes de o céu ter recebido seu nome”, Apsu, o procriador, e a mãe Tiamat, misturaram-se caoticamente e produziram muitos monstros parecidos com dragões. Muito tempo passou, e surgiu uma nova geração mais jovem de deuses. Estes eram muito barulhentos e raivosos, Apsu e Tiamat planejaram matá-los. O plano perverso foi impedido por um destes deuses, o sábio Ea, deus da terra e da água que desafiou e matou Apsu. Tiamat casou-se imediatamente com seu próprio filho Kingu, deu à luz monstros e criou-os e preparou-se para vingar-se de Ea. Os aliados de Ea pediram a seu filho Marduk para liderá-los na batalha. Este aceitou, estipulando sua soberania sobre o universo após vencê-la .

Após uma batalha feroz, Marduk capturou Tiamat em sua rede, arancou-lhe as entranhas, rompeu sua cabeça e cravou seu corpo de flechas. Então partiu Tiamat ao meio, como se fosse um marisco e utilizou uma metade para criar o firmamento, para impedir que as águas de cima inundassem a terra e a outra metade serviu-lhe de base para a terra e o mar.

---

9 Escritos sagrados de outros povos.

10 Enuma EliŠ: em acádico = quando nas alturas; são as duas primeiras palavras com as quais começa a epopéia .

11 Esta cosmologia é a mais importante para o tema que estamos abordando, pois foi preservada quase intacta e pertence ao mesmo Oriente Antigo, do qual Israel fazia parte.

12 Resumimos a epopéia, pois ela é muito longa.

Assim começa a obra da criação, fixando Marduk os luzeiros do céu, cada um em seu lugar. Esta atividade está descrita na quinta tabuinha que, infelizmente, está fragmentada, mas do que segue, parece que os deuses reclamam que agora que cada um tem seu lugar e sua função no universo, passariam a ter um trabalho interminável. Então, Marduk decide criar o homem para liberar os deuses do trabalho servil e isto ele faz, moldando um ser humano do sangue de Kingu, o qual havia condenado à morte, como instigador da rebelião de Tiamat.

A epopéia termina com uma descrição de um grande banquete, oferecido pelos deuses a Marduk, no qual eles recitam um hino de louvor ao mesmo que confirma seu domínio para toda a eternidade.

Este mito era solenemente recitado e dramaticamente apresentado, durante as festividades que comemoravam o Ano Novo na primavera, o ponto máximo do calendário religioso babilônico. Era certamente o mito que sustentava a civilização babilônica e reforçava suas normas sociais e sua estrutura organizacional.

Vejamos agora, porque temos dois relatos sobre a criação em Gênesis e o que estes têm em comum com o mito da criação dos babilônios.

O primeiro relato da criação em Gênesis 1 e 2:3, foi composto em Jerusalém, provavelmente pouco após o regresso do exílio da Babilônia<sup>13</sup>. Nele, Deus é denominado “Elohim”.

O segundo relato, em Gênesis 2:4-22, também foi composto no Reinado de Judá e é possível que sua origem seja edomita e anterior ao exílio (como ficará mais claro adiante). Neste, Deus é denominado “Yahvéh Elohim”. Originalmente, Deus seria denominado neste último “Yahvéh” e teria sido acrescentado “Elohim”, para identificar o Deus de Gên.1 com o Deus de Gen. 2 e para dar às duas versões uma aparente uniformidade. Porém, o redator não conseguiu eliminar detalhes contraditórios na ordem da criação, como já descrevemos antes.

Estas contradições deixaram sempre perplexos estudiosos judeus e cristãos (antes da descoberta dos mitos acádicos da criação a partir de 1876) que tentaram explicá-las de várias formas.

O plano de sete dias do primeiro relato (Gên.1), proporciona a “carta constitucional mítica” para a observância do sábado, pelo homem, já que Deus descansou no sétimo dia, abençoou-o e santificou-o<sup>14</sup>. Para dar um exemplo, acrescentaríamos que alguns dos primeiros comentaristas rabínicos

---

13 O exílio à Babilônia e a destruição do Primeiro Templo ocorre em 586 a.C, logo a composição deste primeiro capítulo de Gênesis dá-se no final do séc.VI a.C.

14 Isto aparece explicitamente numa versão dos 10 mandamentos em Êxodo 20:8-11.

observam que os elementos principais foram criados nos primeiros três dias e enfeitados nos outros três dias e que se pode discernir uma estreita simetria entre o primeiro e o quarto dias, o segundo e o quinto e entre o terceiro e o sexto dias:

**1º dia**

criação da luz  
e sua separação da  
escuridão

**4º dia**

criação dos astros  
para separar o dia da noite  
e uma estação da outra.

**2º dia**

criação do céu  
e separação entre as  
águas de cima e as de  
baixo

**5º dia**

criação das aves que voam  
no céu e dos peixes que nadam  
nas águas de baixo

**3º dia**

criação da terra seca  
e das florestas e pastos

**6º dia**

criação dos animais,  
dos répteis e do homem que  
se movimentam pela terra.

Este plano e outros semelhantes demonstram o desejo dos estudiosos de atribuir a Deus um pensamento sistemático na criação. Porém, estes trabalhos não seriam necessários, se lhes houvesse ocorrido que a ordem da criação vinculava-se à ordem dos deuses planetários na semana babilônica<sup>15</sup> e que Deus proclama, inequivocamente, a absoluta subordinação de toda a criação a Ele, que pode fazer uso das forças da natureza, para realizar suas poderosas ações na história<sup>16</sup>. Diferentemente de “Enuma Eliš” na Babilônia, a criação em Gênesis é, em primeiro lugar, a recordação do evento que inicia o processo histórico e que assegura que há um propósito divino, por trás da criação que tem seus próprios planos, além da perspectiva humana. Explicando melhor, o que temos na 5ª tabuinha fragmentária de “Enuma Eliš”, sobre os planetas na semana babilônica, podemos distinguir que **Nergal**,

---

15 Em consequência dos 7 planetas (divindades) da semana babilônica, temos os 7 braços da Menorá (o candelabro sagrado judaico). Tanto o profeta Zacarias, em sua visão (4:10) quanto Flávio Josefo em Guerras dos Hebreus (cap.5), fazem esta identificação do candelabro sagrado com os 7 planetas.

16 Deus reclama todos esses poderes planetários para si mesmo.

um deus pastoral, ocupava o terceiro dia na semana babilônica, assim como no primeiro relato da criação, em Gênesis, temos a criação dos pastos e das ervas no terceiro dia; enquanto **Nabu**, deus dos astros, ocupava o quarto dia na semana babilônica, tal como em Gênesis (1º relato), Deus criou os astros no quarto dia.

O segundo relato da criação (Gên.2) é mais vago do que o primeiro, revela menos sobre o universo anterior à criação e sua estrutura é totalmente diferente de Gên.1. Na realidade, entende-se dele que a obra da criação foi realizada em um dia apenas. Sua introdução recorda várias cosmogonias do Oriente Antigo, ao descrever o universo anterior à criação, em função das diversas coisas que ainda não existiam. “Ainda não havia árvores sobre a terra, os pastos e as ervas ainda não haviam brotado, porque Deus ainda não enviara a chuva e não existia nenhum homem para lavrar a terra” (Gên.2:5). Então, veio o grande dia no qual “Deus criou a genealogia do céu e da terra: um **vapor** subiu da terra e regou-a”<sup>17</sup> (Gên.2:6), podendo criar a partir dela o homem<sup>18</sup>. Depois, plantou um jardim a leste de Éden e ordenou ao homem que o cultivasse e cuidasse dele (Gên.2:6-9,15).

Gênesis 1, como descrevemos, é parecido com as cosmogonias babilônicas que começam com o aparecimento da terra a partir de um caos aquoso primitivo e todas são metafóricas sobre como a terra seca emerge anualmente das inundações invernais do Tigre e do Eufrates. Desta forma, a criação é representada, como a primeira aparição do mundo, após o caos aquoso primitivo: uma estação **primaveral**, na qual (após as inundações) acasalam-se as aves e os animais e brotam os pastos.

Gênesis 2 já reflete condições geográficas e climáticas encontradas em Canã (O Reino de Judá). O universo anterior à criação está abrasado pelo sol; está seco e árido como no final de um verão prolongado. Quando finalmente, aproxima-se o **Outono**, aparece o primeiro sinal da chuva: um vapor matutino, branco e denso que sobe dos vales<sup>19</sup>. A criação, tal como é descrita em Gên.2, teve lugar, segundo a visão da época, num dia de Outono assim.

A versão babilônica (Gên.1) que estabeleceu a primavera como a estação da criação, foi adotada no exílio da Babilônia e o primeiro dia do mês de “Nisan”<sup>20</sup> seria o dia da comemoração do Ano Novo Judaico.

---

17 do original Hebraico “ed” = vapor.

18 “Adamá”: em Hebr.= terra, a partir do que foi moldado: “Adam” (em Hebr.= homem.). A palavra Adam que significa ser humano, foi colocada como o nome do primeiro homem.

19 Este vapor é o indício, na região, da proximidade das chuvas outonais. Uma vez molhada a terra, Deus pode moldar com ela o homem, segundo o cap.2.

20 Provém do acádio “Nisan” = botão (de flor).

Porém, a versão Outonal (de Canaã) exigia que o primeiro dia do mês de “TiŠrei”<sup>21</sup> fosse observado como o dia do Ano Novo e este prevaleceu.

A versão bíblica da criação deve muito às cosmogonias do Oriente Antigo, mas, simultaneamente, estes assuntos usados foram transformados, para serem o veículo de transmissão de idéias completamente novas.

Para respaldar o que afirmamos, gostaríamos de analisar adiante o mito acádico do “Dilúvio”<sup>22</sup> e compará-lo ao seu análogo no relato bíblico, pois é a estória em Gênesis que tem o mais óbvio paralelo mesopotâmico e é a que revela o caráter do Deus de Israel e suas exigências éticas para com o homem, diferenciando o relato significativamente (mesmo que quase “apenas” neste sentido) dos seus análogos mesopotâmicos, o que procuraremos fazer em breve oportunidade.

---

21 Provém do radical acádico “Seru” = começo (começar)

22 O mito acádico do dilúvio encontra-se na epopéia de “Gilgameš” que é a mais detalhada e mais completa de todas as estórias sobre o dilúvio da Mesopotâmia.